

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Snr. João Duarte Veloso

No dia 19 de Março passou mais um aniversário natalício do Ex.^{mo} Snr. João Duarte. «Boletim Social da TEBE» não podia deixar de exprimir o seu desejo sincero de muita saúde gozada com felicidade entre todos que lhe querem bem.

O Senhor João Duarte é uma figura notável de barcelense. Coração bondoso, facilmente se comove ante o infortúnio, mãos generosas a muitos tem socorrido, espírito enérgico e empreendedor, tem enriquecido a sua terra, fazendo nela florescer uma indústria que ocupa centenas de trabalhadores.



«Boletim Social da TEBE» exprimindo o sentir de todos os que nesta notável Empresa trabalham, manifesta a sua respeitosa admiração ao Senhor João Duarte, em quem todos nós temos encontrado não só um Patrão, mas um Amigo dedicado e preocupado com os problemas do seu pessoal.

Que Deus cubra de bênçãos, quem é Bom e Justo.

O perdão que lançarmos sobre as injúrias e injustiças que sofremos, vale pelo menos, tanto como o esforço do braço que sacode um enorme peso.

GLAUCIUS

CASTELOS DE PORTUGAL

AINDA hoje nos sentimos confundidos quando contemplamos essas fortalezas de paredes desmoronadas com torreões e ameias em ruínas e brechas profundas abertas nas muralhas vetustas; cobertas de musgos e heras que num abraço carinhoso aconchegam as pedras soltas, os castelos de Portugal são uma relíquia que devemos venerar e zelar com ternura. Quantas páginas brilhantes da nossa História foram escritas dentro desses muros altivos!

Quantos rasgos de heroísmo, quanta valentia, quanta fé, quantas lágrimas de dor ou de desespero, de mistura com sangue heróico, se derramaram sobre essas pedras enegrecidas pelos anos e pelo fragor das lutas. Seria longa e demorada a viagem se fôssemos, em peregrinação respeitosa, curvarmo-nos reverentes ante todos os castelos de Portugal, recordando, ali, muitas das mais notáveis façanhas dos nossos antepassados. A viagem não ficaria na Europa apenas, pois há fortalezas construídas por Portugueses na África, na Ásia e na América. Em paragens longínquas cada fortaleza, foi muitas vezes um baluarte inexpugnável, onde a bandeira das quinas fluía aos mais desabridos ventos e aos sóis mais inclementes, resistindo a ataques e ciladas de inimigos fortes e numerosos. Dentro desses castelos não lutavam homens medíocres ou apenas aventureiros ambiciosos, mas sim, patriotas cheios de fé e de amor pela Pátria distante.

Milagre de coragem, de perseverança, de amor patriótico foi a construção de muitos destes castelos!... Cercados de gente suspeita ou abertamente adversa, os portugueses levantavam muralhas, onde se defendiam, e, muitas vezes, mal acabadas, já eram arrazadas pelas

(Continua na página 2)

Snr. Mário Campos Henriques

No dia 26 de Março, completou mais um aniversário o Senhor Mário Campos Henriques, digníssimo Gerente da Empresa Têxtil de Barcelos.

O desejo de todos que nesta Empresa trabalham é sinceramente o de que o Senhor Campos festeje muitos aniversários mais com saúde, entre todos nós, que o estimamos.

O Gerente da Empresa Têxtil de Barcelos, não é unicamente um patrão donde emanam ordens e ideias directrizes, é também um trabalha-



dor cheio de dinamismo e de entusiasmo que abraça com ardor as tarefas grandes não vacilando atemorizado ante as grandes responsabilidades. «Grande nau, grande tormenta», diz o povo, mas quando na grande nau, há um timoneiro corajoso, essa nau vai navegando segura e firme. Todo o pessoal da Empresa Têxtil de Barcelos, faz um voto sincero para que o Senhor Campos Henriques possa com saúde e felicidade viver muitos anos entre todos os que nesta fábrica trabalham, animados do mais ardente anseio de bem servir uma indústria que honra Portugal.

O «Boletim Social da TEBE» respeitosa e humildemente cumprimenta e saúda o Senhor Campos Henriques.

Há mais críticos do que autores, mais analistas do que obreiros, mais bocas a depreciar ou a destruir, do que cérebros e braços a produzir.

— Porquê? — A razão é simples e está no consenso de todos; foi sempre mais fácil destruir que construir. — Renert Kehl

Castelos de Portugal Pinceladas folclóricas de Barcelos

(Continuação da 1.ª pág.)

lutas e cercos para novamente se erguerem mais fortes, mais robustas, mais altivas e orgulhosas.

Dentro destes muros espessos, tudo sofreram os portugueses de há séculos, irmanados, senhores e plebeus, pelo mesmo anseio nobre e justo de: «Dilatar a Fé e o Império». Lutas sangrentas, fome e sede, pestes mortíferas e toda a sorte de flagelos, acrescidos dos horrores de cercos demorados e de assaltos selváticos de inimigos de raças e índoles absolutamente diversas dos povos latinos, foi o que suportaram estoicamente os portugueses que levaram aos confins do Oriente o nome de Portugal e a religião de Cristo.

Não foi menos gigantesca nem menos violenta a luta da reconquista cristã no alvorecer da nacionalidade portuguesa. Aí vemos Afonso Henriques à frente dum punhado de valentes cercando e vencendo, em luta aberta, castelos bem defendidos pela moirama presa já à terra que há séculos dominava e na qual para sempre deixaria vestígios bem notáveis; outras vezes surpreendemos o mesmo rei e os seus arrojados cavaleiros escalando, pela calada da noite, castelos e muros de cidades poderosas, que de outro modo seriam invencíveis, quer pela situação quer pela gente que as defendia.

Cada castelo é pois uma recordação viva de feitos gloriosos e cada feito é um marco na história multiseccular de Portugal. Nesses castelos velhinhos de pedras desmornadas, desertos e esquecidos, cobertos de musgos e fetos que crescem viçosos nas sombras e no silêncio dos seus recantos, não podemos supor que apenas se viveram horas de lutas ou horrores de ataques violentos e selvagens.

Também neles se viveram horas de paz, de amor e de felicidade. A muitos andam associados lendas encantadoras, mas em todos podemos imaginar dias calmos e alegres. Nos seus terreiros o povo bailava contente ante o olhar complacente dos grandes senhores feudais que também se divertiam em torneios galantes.

Os séculos passam, os costumes modificam-se, as leis tornam-se menos bárbaras e mais racionais, perdendo a violência dos tempos semi-selvagens, mas não se alteram profundamente os sentimentos da alma humana que, ontem como hoje, se deixou avassalar por paixões ou dulcificar pela resignação e pelo sofrimento.

Seria difícil evocar as cenas dessa velha Idade-Média, passadas no interior dos castelos hoje desmornados mas que guardaram dentro dos seus muros se-

gredos de dramas e de vidas felizes. Pelo lagedo sombrio das suas masmorras soaram passos de condenados, pelas abóbadas dos salões ecoaram canções de menestres e jograis e junto às lareiras ouviram-se, em noites calmas, histórias excitantes dessa brilhante instituição da Cavalaria.

O que foi a vida, nesses recuados tempos contam-nos as velhas crónicas, onde a fantasia muitas vezes ofusca a veracidade dos factos históricos, mas onde transparece através duma linguagem indecisa e infantil o ambiente moral da vida familiar e da vida social.

Quando hoje divisamos sobre um morro altaneiro a silhueta de muralhas arruinadas não podemos deixar de evocar o relampejar de armas faiscantes manchadas de sangue português, moiro ou castelhanos.

Não há terra portuguesa, vila ou cidade, onde não existam ainda ruínas de castelos. Nalgumas e em muitas até, são ainda hoje imponentes peças de fortificação que causam o nosso espanto. Muitos deles têm sido restaurados e conservados com amor, como a mais valiosa reliquia de tempos gloriosos.

Entre esses podemos salientarmos o de S. Jorge em Lisboa, o de Leiria e ainda o encantador castelo de Almourol.

Para conhecimento dos leitores vamos transcrever da obra «Nova Carta Chorográfica de Portugal», algo sobre o Castelo de Almourol.

É do Sr. General Marquês d'Avila e de Bolama o que segue: «A situação do castelo de Almourol, isolado no meio das águas do formoso Tejo, emoldura admiravelmente o quadro encantador, que o perfil das suas quatro torres circulares e da sua torre de menagem coroada de ameias projecta sobre o horizonte.

A reedificação deste castelo, quase pelos fundamentos, deve-se ao mestre dos templários, D. Gualdim Pais, o famoso grande capitão e grande amigo de D. Afonso Henriques, que tão ilustre e notável se tornou pelas brilhantes vitórias que em muitas batalhas alcançou, como pela justificada fama das suas boas obras. D. Gualdim Pais, que foi o terror dos moiros, que destruiu em vários combates, em que praticou façanhas que ficaram legendárias, foi também o fundador, entre as quais avulta a cidade de Tomar.

Devemos notar ainda que aproveitando os materiais do velho castelo de fábrica romana, segundo todas as probabilidades, D. Gualdim Pais reconstruiu o castelo de Almourol, em condições que ainda hoje afirmam o

O povo, esse cantor mavioso de quadras espontâneas, embora, por vezes, de sentido puramente alegórico, empresta a propósito de tudo e de nada uma quadra, um provérbio, enfim... um dito, quer em verso, quer em prosa e que traduz o sentir da sua alma.

Por isso mesmo e porque vale a pena divulgar o povismo barcelense, eis a razão porque damos hoje a público um conjunto de quadras e ditos que o leitor certamente saberá estimar.

Uma quadra alusiva à rosa

— Uma rosa p'ra ser rosa,
Deve ser do peito d'Ana;
Colhidinha ao Domingo,
Dura p'ra toda a semana. (1)

Uma outra quadra também de Barcelos em que se destaca «a moça, para ser moça»:

— A moça, para ser moça,
Ninguém lhe há-de pôr a mão;
Há-de ser como a toupeira,
Que anda por baixo do chão. (2)

Não é menos interessante a que se refere ao aroma da rosa:

— A rosa de Alexandria
É flor habilitada;
A rosa, que não é cheirosa,
Para mim não vale nada. (3)

Ainda colhida pelo mesmo coleccionador podemos dar a público mais esta quadra:

— Ó rosa de Alexandria,
Onde deixas-te o cheiro?
— Deixei-o em minha casa,
Debaixo do travesseiro.

Eis uma quadra significativa pelo aproveitamento da «dualidade florícola»:

— Ainda agora reparo
Quem no passeio andava;
Andava o cravo, andava a rosa
Anda quem eu desejava.

A quadra que segue é bem interessante, pois traduz o pão e o vinho como alimentos retemperadores do corpo:

Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda;
Falta-me aqui o pão branco,
E mais o sumo da uva.

A fome não é só de pão, também se reflecte no abraço; e a sede não é de vinho... mas também de um beijo. São

mérito dos artistas que foram encarregados de tão primorosa construção.

As lendas e tradições do castelo de Almourol não têm que invejar às dos castelos do Rheno. As nossas lendas servem porém quase sempre de assunto a luta que durante séculos os cristãos sustentaram contra os moiros e que foi finalmente coroada com a sua expulsão da Lusitânia.

POR ANTÓNIO BAPTISTA

sentimentos que não podem morrer... Eis porque o povo diz:

Tenho fome, não é de pão;
Tenho sede, não é de vinho;
Tenho fome de um abraço;
Tenho sede de um beijinho.

Barcelos tem também quadras alusivas à oliveira. A seguir damos algumas bem dignas do mais precioso folclore:

— Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja;
Bem assombrado anda,
Quem não logra o que deseja.

— Ó oliveira do alto,
Rama dela tem virtude;
Passei por ela doente,
Logo me achei com saúde.

Ainda referente à azeitona, é bem curiosa esta quadra:

— Atirei com a azeitona
A menina da janela;
A azeitona caiu dentro
A menina quem ma dera.

A sinfonia das cores encontrou sempre na voz do povo os mais variados e multiformes aspectos.

A quadra que segue traduz a brancura da pomba:

— Ó minha pombinha branca,
Ó minha branca pombinha,
Quando há-de ser a hora
Que t'eu hei-de chamar minha!

A brancura do vestido empresta um ar romântico à donzela:

— Menina dos olhos brancos (4)
Lencinho da mesma cor;
Diga a seu pai que a case,
Eu serei o seu amor.

(4) «Olhinhos brancos» refere-se às pintas circulares espalhadas pelo vestido.

Ainda a cor numa quadra entram em cena:

— António, cor de cravo,
Maria cor de cereja;
São os mais bonitos olhos
Que entram na nossa igreja.

O amarelo tem também a sua presença nesta quadra:

— Menina do amarelo,
Diga-me quanto custou;
Que me quero vestir dele,
Já que tanto me agradou.

As aves entram, por vezes, com a sua cor característica nalgumas quadras. O papagaio, como não podia deixar de ser, marca a sua presença pelo verde:

— Papagaio da janela,
Dá-me uma pena da asa;
Queria escrever ao meu amor,
A minha ficou em casa.

A «caninha verde» e o «verde de gaio» entram a maior das

(1) A. G. Pereira, trad. pop. de Barcelos, p. 83 n.º 288.

(2) Ibidem, p. 82, n.º 242.

(3) A. G. Pereira, trad. pop. de Barcelos, p. 76, n.º 208.

Secção Desportiva

Vitória Sport Clube Panorama Oquista

Na sua reunião do passado dia 2 do corrente, o Vitória S. Clube de Barcelinhos, elegeu os seus novos Corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral

Presidente, José Pimenta do Vale; Vice-Presidente, Luís Monteiro; 1.º Secretário, António Moreira; 2.º Secretário, António Alves Torres; Vogal, Adolfo Pimenta do Vale Santos.

Direcção

Presidente, Padre Joaquim da Cunha Peixoto; Vice-Presidente, Padre Manuel de Sá Domingues Oliveira; 1.º Secretário, Francisco José dos Santos; 2.º Secretário, Reinaldo da Silva Maciel; Tesoureiro, João Tomás Brito da Silva; Tesoureiro Adjunto, Severino dos Santos Faria; Vogais, José Pimenta do Vale Santos, José Felgueiras dos Santos e Cândido Ferreira Cardoso.

Conselho Fiscal

Presidente, Mário Domingues Araújo; Secretário, José Fernandes; Relator, António Barbosa Gomes.

Na mesma Assembleia também foi aprovado um voto de agradecimento ao nosso "Boletim", que muito agradecemos, e, como sempre, as nossas colunas continuam à sua inteira disposição assim como de todos os clubes do Minho.

Livre Trânsito

Da mesma colectividade recebemos um cartão de livre trânsito, que muito agradecemos.

vezes nos bailados e canções do Minho.

— Ó minha «caninha verde»
«Cana verde» no botão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê ocasião.

Os cravos são também das flores mais representativas do folclore nacional:

— Tenho à minha janela
Cravos roxos sem abrir;
Ninguém sabe o meu intento,
Nem o que eu hei-de seguir.

Estas quadras foram colhidas na maior parte das seguintes obras:

Estudos de poesia Populares e Páginas Folclóricas, de Luís Chaves.

Nota: No próximo número continuaremos a série de quadras que formam o folclore local.

Realizar-se-ão nesta época os campeonatos de Júnios?

Infelizmente a experiência do ano anterior ficou-nos imensamente cara... restando-nos na mente um mundo de interrogações...

Portugal, que tem conseguido no oquei em patins os seus louros mais justificativos, ultimamente no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, deu uma fraca ideia do seu futuro.

E que futuro? Eis uma incógnita que gostaríamos ver resolvida.

É necessário encaminhar boas vontades e exigir de cada um o seu máximo esforço para se conseguirem atletas à altura das nossas melhores tradições nesta modalidade.

Hoje, mais que nunca, exige-se que a Federação ponha em actividade as equipas júnios para escolher as melhores revelações.

É necessário estar atentos ao panorama oquista que se vem desenhando na vizinha Espanha.

Tenhamos em mente que o oquei, como todos os desportos, precisa de orientadores à altura dos seus anseios e aspirações. Só assim poderemos manter e consolidar o passado dos nossos oquistas.

NOTICIÁRIO

Já arranhou o Oquei Clube de Barcelos direcção e tudo leva a crer que conseguirão as pessoas que a compõe, manter o clube em actividade.

Só isto, já será alguma coisa, pela maneira como decorreram os acontecimentos, que desgostaram profundamente a massa associativa do Clube e todos os desportistas Barcelenses. No entanto, nós esperamos mais...

Movimento de Treinadores

O Vitória Sport Clube de Barcelinhos dispensou o seu treinador da época passada Alfredo Saramago.

— Fernando Ranito, mantém-se no C. D. da TEBE.

— Armando Veloso, transitou do Famalicense para o Vianense.

FUTEBOL

Realizou-se no passado dia 18 do corrente um jantar de confraternização de homenagem à equipa do Gil Vicente e despedida do atleta Manuel Pontes.

Presidiu o Snr. Dr. Francisco R. Torres, sentando-se na mesa

Curiosidades Históricas

a) A vila de Colares caiu em poder de D. Afonso Henriques em 1147.

b) O pelourinho de Colares é de estilo manuelino.

c) Peniche foi elevada à categoria de vila por Filipe II em 1609.

d) Crato, segundo Ptolomeu foi fundada pelos cartagineses no ano 504 antes de J. C.

e) A ordem do Tosão de Oiro foi instituída em Portugal por Filipe, o Bom, Duque de Borgonha para solenizar o seu enlace com a Infanta D. Isabel de Portugal, filha de João I. Consta, segundo o Grand dictionaire historique que o facto se consumou em 10 de Janeiro de 1430 (Moréri).

f) Tomar foi elevada à categoria de cidade pela rainha D. Maria II em 1844.

g) O templo de S. João Baptista, em Tomar, é uma maravilha da arquitectura manuelina.

«No frontispício da igreja podem admirar-se as armas de Portugal: Cruz da Ordem de Cristo, esfera armilar e insígnias de D. Manuel».

Exposição «Primavera»

Aquarela e Desenho

DE

Jerónimo Fernandes

ABERTA DE 26/3 A 6/4

Transcrevemos do catálogo algumas considerações sobre Jerónimo Fernandes:

«O que Jerónimo pinta é para ser sentido. Nada de explicações, de paleios estafantes. Não importa que Jerónimo seja ainda um jovem cheio de limitações, um temperamento artístico aguardando definição. A maturidade, uma técnica mais sólida, um desenho mais estudado são atributos que virão com o tempo e o estudo. Em Jerónimo conta, sobretudo, o seu espírito novo, irrequieto, ansioso, a dolorosa busca dum caminho — o testemunho evidente duma personalidade».

F. L.

No próximo número referir-nos-emos a este pintor.

A Augusto Soucasaux

E À SUA OBRA:

FIGURAS, TIPOS E COISAS ETC.

faremos referência no próximo número pois ainda não lemos o seu conteúdo integralmente.

Entretanto, como se trata de um barcelense e de um amigo, aconselhamos a sua leitura e difusão, pois a grata surpresa de algumas passagens locais constituem, certamente, verdadeiro interesse para o barcelense que vive noutras paragens.

A última parte do livro tem certo ineditismo por nos apresentar o arquitecto Manuel Gaspar nas diferentes fases da sua



vida... uma vida de homem inteligente, liberto de preconceitos e em que o seu espírito artístico é posto à prova numa série de significativas imagens.

As imitações merecem uma publicação. Por esse motivo publicamos aquela em que ele imita o endiabrado Hitler.

FÁBRICA DE MALHAS

«TEBE»

Honra a Indústria Nacional, mercê do alto nível dos seus conceituados artigos

W. E.

Sarau de Arte

Por só tardiamente nos ser entregue o programa do II aniversário do Grupo Recreativo da TEBE, não nos podemos alongar, como era nosso desejo, em algumas considerações. Por esse facto publicaremos o respectivo programa e no próximo número faremos os comentários que nos parecerem justos.

I PARTE — Duas palavras, por Manuel de Sousa. Grupo Coral da TEBE e Uma Anedota (Drama), de Marcelino de Mesquita.

DESEMPENHO:

O Director António O. da Silva
O Rapaz Manuel de Sousa
O Criado António Luís Correia

Ensalador — ADRIANO FARIA

II PARTE — Acto de Variedades com canções, monólogos e imitações, anedotas, solos de acordeon e a Orquestra dos Cavaquinhos da F.N.A.T., de Braga e a comédia em 1 acto: O que interessa é casar, de Manuel F. de Sousa.

DESEMPENHO:

Fonseca (Sargento Reformado) Manuel de Sousa
Aida (Mulher do Fonseca) . . . M. Manuela F. Miranda
Manuela (Filha) M. Cecília Machado
Rosa (Criado) M. Isólete Machado
Acacieto (Criado) António Luís Correia
Doutor Bártolo António O. da Silva

Com a colaboração da F. N. A. T., de Braga

MENTIR...

(INÉDITO)

Mentir quisera eu suspenso no meu canto
E em tropos estridentes tornar-me imortal,
Porém, a consciência imensa e colossal
Cavou na minha alma cavernas só de pranto...

Luis de Assumpção Matos

Lisboa, Fevereiro de 1957.

MISCELÂNEA

UMA QUADRA

No abraço que tu me deste:
O último que vive em nós,
Lembro o amor que puseste
No sonho da tua voz.

António Baptista

UM PENSAMENTO

De todos os prazeres o maior é poder
proporcioná-los a outrem.

M.^{me} de Maintenon

UMA ANEDOTA

Amigo — Teu tio conservou o espírito
lúcido ao morrer?

Herdeiro — Não sei; só amanhã é
que vai ser aberto o testamento.

SUPERSTIÇÕES

1) Chover nas bodas é sinal seguro
de felicidade.

2) Ter imagens de gesso em casa é
causa de infelicidade.

3) Quando o lume tem crepitações,
são as almas do purgatório que estão a
pedir padre-nossos.

A Alcateia n.º 13

D. António Barroso

Por JAIME FERREIRA

TODOS sabem o que é uma alcateia. É um conjunto mais ou menos grande de lobos. Ora, no Escutismo, denomina-se alcateia o agrupamento de rapazes dos 9 aos 11 anos de idade, que se chamam «LOBITOS». É por assim dizer a escola primária do escuteiro, onde ele se inicia na prática dos jogos e actividades próprias da sua idade e onde se formam guias e sub-guias, para mais tarde poder estar apto e sempre «Alerta» para bem «Servir». O seu lema «da melhor vontade» já por si só deixa antever um mundo de possibilidades e onde o bom escuta pode e deve meditar, pois não só executando fielmente o que lhe diz a lei ou a promessa, alcança os fins para que Lord Baden Powell criou o escutismo. Deve sempre fazê-lo «da melhor vontade».

Em Barcelos, a Alcateia n.º 13, que escolheu para seu patrono D. António Barroso, sob cuja protecção os «lobitos» todos os sábados formam na sede do C. N. E., tem tido nestes últimos dois anos um incremento bastante notável. Devemos mesmo salientar que, esse desenvolvimento nos parece ser difícil de igualar noutros meios talvez mais populosos e até mais bem apetrechados tecnicamente.

Seja-nos permitido, sem levantar suspeitas por sermos desde há muito simpatizantes do escutismo, enaltecer as qualidades de dirigentes que temos vindo a notar nas suas instrutoras principais, as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria Olinda Afonseca Guimarães e D. Maria Elisa Garrido. Cremos que não é possível haver maior dedicação, maior espírito de compreensão e desejo de bem «servir» a causa do escutismo, do que as referidas dirigentes têm vindo demonstrando há cerca de 2 anos.

Com sacrifício da sua própria vida profissional ou deixando outros prazeres mais deleitosos (o Escutismo é igualmente um prazer quando compreendido), estas Ex.^{mas} Senhoras merecem que, embora ferindo a sua modéstia, se lhes manifeste publicamente o reconhecimento que lhes é devido pela obra verdadeiramente notável que vêm levantando, acompanhando algumas dezenas de rapazinhos, na sua formação social, moral, cívica e até intelectual, pois o Escutismo sendo um jogo, deixa aos seus praticantes a escolha do que mais lhe agrada. Não impõe, predispõe, não exige, entusiasma. É fácil auscultar a opinião de qualquer «lobito» que pertença a qualquer dos «bandos» de que se constitui a Alcateia n.º 13 de Barcelos. Para esse elevamento muito tem contribuído, sem dúvida, os conhecimentos e os conselhos do Chefe do Núcleo, Snr. Dr. Manuel Faria, «sempre pronto» a «servir» a grande causa do Escutismo.

ORIGINAL

Agradecemos que nos enviem os originais até ao dia 12 de cada mês.

Os problemas da instrução e da educação

(Continuação da página 5)

económicos que orientam o progresso moderno, é condição essencial para os transformar em riqueza colectiva. Criar ou desenvolver essa habilidade é, até certo ponto, renovar o labor mental do País — não apenas no restrito aspecto técnico, mas no sentido lato das necessidades primordiais duma nação que pode desempenhar, na vida internacional, um papel de relevo, dentro dos limites das possibilidades dos seus territórios de aquém e de além-mar».

Araújo Correia

(Do «prefácio» de «Ensaio de Economia Aplicada». Lx. 1948.

NOTA

O Eng. Araújo Correia formou-se em Lisboa e continuou os seus estudos em Liège e Londres, dedicando ao estudo da economia aplicada uma atenta e metódica atenção; foi ministro do Comércio, deputado e é actualmente administrador da Caixa Geral de Depósitos. É autor dos pareceres sobre as Contas Gerais do Estado e duma importante bibliografia, já hoje indispensável ao estudo da economia portuguesa: «O ouro através dos séculos», «A cultura popular», «Portugal Económico e Financeiro», «Realidades e Aspirações de Portugal Contemporâneo», «Ensaio de Economia Aplicada», «Estudos de Economia Aplicada» e «Elementos de Planificação Económica».

Santo Tirso, Póvoa de Varzim, Matosinhos, Gondomar, Espinho, possuem já as suas escolas técnicas. Barcelos, centro demográfico-económico de incontestável importância, quando terá a sua escola técnica?

A. da S.

A Empresa Têxtil de Barcelos, L. da

FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»

honra a Indústria Nacional, mercê do alto nível dos seus conceituados artigos.

|||||

Esta modelar unidade fabril tem um artigo para cada gosto, um corte para cada corpo, um padrão para cada exigência... Eis o grande virtuosismo das inconfundíveis malhas TEBE.

A senhora elegante exige malhas TEBE. A senhora distinta usa só malhas TEBE. A senhora que trabalha adora as malhas TEBE.

O homem de estado, o médico, o advogado, o engenheiro, o industrial, o comerciante, o trabalhador, enfim todos procuram as malhas TEBE, a distinção e o bom gosto aliados a um preço sem confronto.

Não é exagero dizer-se que, onde há um indivíduo, há malhas TEBE. Eis o valor substancial de uma das melhores malhas do mundo... as malhas TEBE.

FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»
BARCELOS — PORTUGAL

Boletim Social da TEBE

Era nosso desejo fazer sair este número de Março no dia 26. Porém a tarde entrega de algum original não no-lo permitiu.

Visado pela Censura

Crónica de Braga

Por ANTÓNIO BASTOS

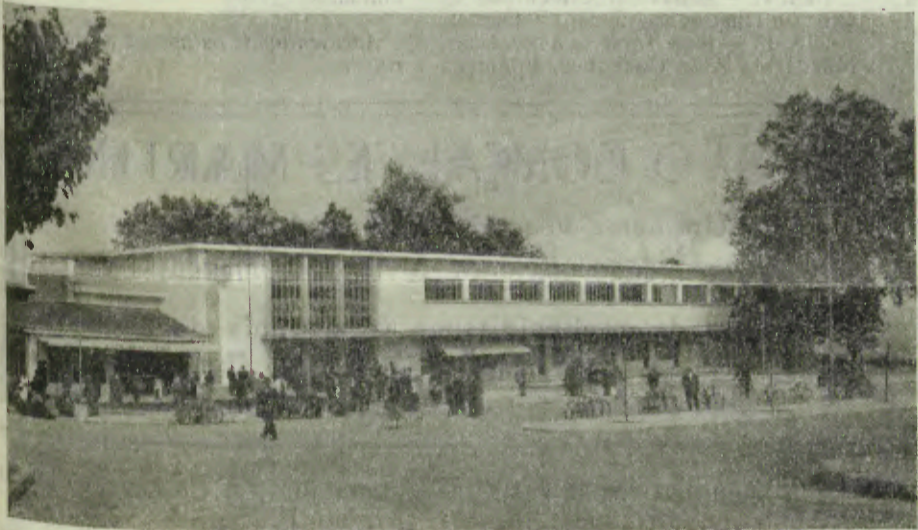
QUEM conheceu Braga desde há 10 anos para traz e a conhece actualmente, nota uma diferença sensivelmente enorme desde a mais pequena rua à maior avenida.

Eu que a conheci desde o limiar do seu desenvolvimento, estou habilitado a poder louvar, sem favor, a sua modificação que, graças aos grandes homens que a governam, é e será das terras mais progressistas do nosso Portugal.

Destaco em especial cinco dos melhoramentos mais notáveis—a Avenida Marechal Gomes da Costa, antigamente uma rua estreita por onde quase não cruzavam dois automóveis e hoje uma larga avenida, ladeada por prédios da mais requintada arquitectura.

A avenida transversal a esta, a que deram o nome de Rodovia, é uma obra monumental! Iniciada em Ferreiros e terminando em S. Vitor, impecavelmente construída, afastada e dividida em dois sentidos, tem um comprimento de cerca de dois quilómetros, e imaginemos o seu deslumbrante aspecto quando, dentro de algum tempo, a virmos igualmente ladeada por grandes e modernos prédios.

A parte nova da cidade na Senhora-A-Branca, que em poucos meses se transformou numa das melhores artérias urbanísticas da cidade, onde todos os dias se vêem nascer os alicerces para mais um prédio, será no futuro digna de uma grande metrópole. Claro que, falando desta artéria e não salientando a construção da Escola Técnica, não seria dizer nada deste melhoramento, nem mesmo da cidade em si, porque de facto é uma obra digna do mais justo e merecido louvor, em benefício, não só do Povo Bracarense, como de todo o Minho.



Eis a grandiosa fachada principal do moderníssimo Mercado Municipal

Aqui, nascerão no futuro novos homens formados nas artes que cada um escolher, Bracarense, Nortenhos — Portugueses!

O novo Quartel, em Infiás, instalado junto das monumentais instalações fabris das Fábricas "Pachancho" (orgulho máximo da indústria de Braga e de Portugal), é um autêntico sucesso da construção civil e do nosso Exército Português. Aqui, agora os nossos soldados, gozam dum maior conforto, que lhes permite um maior prazer em servir o Governo Português.

O novo Mercado Municipal, instalado no Campo da Feira, e ao lado do Bairro da Misericórdia (também recentemente construído em benefício dos pobres Bracarenses), é uma obra valiosa ao serviço de todos os lares, que, por se notar a sua falta, ninguém se privou de lançar mãos à sua rápida construção. De facto dá gosto (assim dizem maravilhadas as mulheres) ir ao novo mercado fazer compras, onde se encontra em geral simpatia em todos os vendedores e essencialmente a máxima higiene!

Descrevi os cinco grandes melhoramentos que achei de mais considerável destaque, de tantos outros que também muito me dariam que escrever. Claro que existem mais em vias de conclusão; ou sejam, por exemplo as obras que decorrem no Monte do Sameiro, que, depois de concluídas, serão das mais majestosas da cidade de Braga.

A minha terra Natal não é Braga (é uma do seu Distrito), mas vivo nela há 12 anos e foi nela que me criei, que aprendi o que sei para defesa da vida, que me fiz homem e hoje, apesar de estar empregado nos escritórios da grandiosa Fábrica de Malhas TEBE, continuo a residir em Braga, donde nunca mais tenciono sair.

O meu colega António Baptista, manifestou-me o seu interesse de ver publicado no "Boletim Social da TEBE", de que é mui prezado Director, umas palavras que testemunhem o incomparável progresso da sua vizinha cidade de Braga.

Aqui tem, caro colega, se mo permite, as palavras que traduzem um desabafo sincero, do que sinto sobre a minha amada cidade de Braga.

Para não ocupar muito o "Boletim", resumi tanto quanto possível

Os problemas da instrução e da educação

"Na base do nosso problema económico está o problema da instrução e da educação do povo português.

Falar-se-á, por agora, apenas, do problema da instrução, e, dentro dele, haverá referências especiais ao ensino profissional de todos os graus, que é, no fundo, a forte alavanca que modernamente influencia a vida económica. Mas convém não esquecer nunca que o ensino profissional, nos seus diversos aspectos, está intimamente ligado ao problema educativo, considerado no conjunto.

Parece deverem criar-se não apenas bons técnicos, mas orientar a mentalidade dos que constituem a estrutura social, no sentido de um justo equilíbrio entre os valores que a formam. Neste aspecto, a sociedade portuguesa tem andado desarticulada e o trabalho de conjunto, que peca por excessivo individualismo, resulta ineficiente e desconexo.

Muitos dos que orientam a nossa vida social e económica não compreendem as vantagens da coordenação de esforços—e isso, com processos de ensino bastante teóricos, torna confusa e defeituosa, muitas vezes, a sua actuação na vida real.

Uma reforma profunda de todos os graus de ensino, orientada num sentido mais prático, mais em conformidade com a vida do dia a dia, parece ser, na opinião de pessoas autorizadas, um dos fundamentos da renovação económica do País. Tudo indica que essa reforma deverá com urgência incidir sobre o ensino superior, nos seus diversos aspectos, e ter como objectivo dar-lhe carácter menos acadé-

mico ou doutoral e mais activo e vivaz, em conformidade com as lições da vida real.

Daí advirá cultura científica mais sólida, por ser também baseada na prática e na experiência. Será porventura o início do desenvolvimento sistemático da investigação científica, que é a base de todo o progresso económico moderno.

Por diversas vezes, nos últimos vinte anos, o autor tem defendido estes princípios, que considera serem de necessidade fundamental, porque sente que, sem uma reforma educativa, o trabalho de reorganização económica e de desenvolvimentos dos recursos internos nunca poderá ter a eficácia indispensável.

"Em política, o que parece é". É o êxito de uma política mede-se pelos seus resultados.

Quem quiser examinar com imparcialidade os resultados da nossa política de ensino, expressa em sucessivas reformas através dos anos, imediatamente conclui pela sua ineficácia. A própria frequência de reformas mostra que se trilha por caminhos adustos, em vez de se escolher corajosamente a estrada lisa do sucesso, a estrada percorrida e incessantemente aperfeiçoada por outros países, mais prósperos, dotados de profundezas e resistências morais, que a última guerra tão exuberantemente provou nalguns deles.

*

Não basta haver recursos materiais num país para o tornar próspero.

A habilidade em os aproveitar, dentro dos princípios

(Continua na página 4)

o muito que Braga tem que se lhe diga, mas quero também manifestar (embora talvez seja desnecessário), a necessidade que Braga tem de aliar ao seu incansável desenvolvimento mais instalações fabris, para empregar não só os seus habitantes que se encontram desempregados, como para dar lugar a outros braços—irmãos portugueses—que queiram ganhar o pão nosso de cada dia, em Braga, para quem, muitos dos quais sem profissão, encontrariam oportunidades felizes de empregar os seus braços para bem dum melhor nível de vida, da prosperidade nos lares e engrandecimento da indústria portuguesa.

Mas não tenhamos pressa!... O tempo tudo nos traz...

Em Braga, como em todos os lados, há homens ricos e dinâmicos que mais dia, menos dia instalam fábricas; como também há homens que faltando-lhe os recursos financeiros, são dotados de inteligência e iniciativa, que talvez idealizem com sucesso construções fabris, como as milhares ou milhões existentes em todo o Mundo, em sociedades por acções.

Escrevi acerca da urbanização e indústria de Braga e gostaria também de escrever sobre o seu turismo, mas nada digo porque, além dos inúmeros artigos escritos sobre o turismo Bracarense, poucos são os portugueses (já não dizendo estrangeiros) que desconhecem que Braga é das terras mais turísticas de Portugal.

A Braga nada falta—tem grandes avenidas, lindos prédios, turismo incomparável, encantadoras raparigas.

Numa só expressão, Braga é a namorada de Portugal!...



Escutismo

(Continuação do número anterior)

1951—Novas directrizes

Entramos no período de maior desenvolvimento do Escutismo católico em Barcelos, com a entrada para chefe do Grupo número 13—Alcaide de Faria, do Ex.^{mo} Snr. Dr. Manuel Alberto Rodrigues de Faria, em substituição de José Luís Correia. Este precioso elemento, que ainda hoje é o chefe muito estimado do Núcleo de Barcelos, imprimiu com a sua orientação, conhecimentos profundos do escutismo e até com a sua personalidade forte e bem vincada, uma nova directriz ao Grupo n.º 13, que desde esta data passou a marcar com as suas actividades tanto internas (na sede) como no exterior (bivagues, acampamentos, etc.) um lugar de grande importância no Escutismo Católico Português.

Espírito franco, conhecedor profundo da psicologia da Juventude, e ensinando o escutismo, tal como deve ser encarado e praticado, este dirigente tem feito, desde 1951 até hoje, de simples rapazes, alguns inaptos para enfrentar meras dificuldades caseiras, verdadeiros rapazes, homens de amanhã, desempenados e com capacidade para resolver os muitos problemas que a vida lhes poderá deparar a toda a hora.

É um dirigente estimado por todos os seus pupilos e até por todos aqueles que têm o grato prazer de com ele conviver ou tratar mais de perto.

Faz parte dos corpos directivos do Corpo Nacional de Escutas, com diversos cargos, possui variadas e importantes insígnias, entre elas a célebre Insígnia de Madeira, alto galardão que, em Portugal, só pouco mais de meia dúzia de elementos activos a possuem.

Foi, pois, em 26 de Abril de 1951 que, na Igreja Matriz desta cidade, se realizou a Promessa Solene, ficando a direcção do Grupo n.º 13, assim constituída:

Chefe—Licínio Carlos dos Santos; Secretário—António Tavares Fernandes; Assistente—Padre Agostinho Correia de Azevedo; Médico—Dr. António Monteiro Pedras. Fizeram a promessa 12 elementos e já nas primeiras actividades, se notaram acentuados progressos devido à acção do novo chefe do Núcleo.

Um grande incremento, se verificou no decorrer do ano de 1951 no que se refere às actividades do escutismo local. Tomou parte no Acampamento do Verão, no pinhal de Ofir, em Fão.

Em 1952 e em 23 de Junho, foi igualmente feita a Promessa Solene, na Igreja Matriz, onde mais 12 elementos receberam as insígnias de escuteiros, tendo a direcção para este período ficado assim estruturada:

Chefe—Ilídio Eurico Gomes; Secretário—António Tavares Fernandes; Assistente—P.º Agostinho Correia Azevedo; Instrutor—Narciso Fernandes Gonçalves.

As principais actividades foram as seguintes: 12 Acampamentos, 4 Bivagues, 8 Visitas de Estudo, 4 Excursões Montanhistas, 2 Peregrinações, 2 Procissões, 2 Festas organizadas pelo Grupo e 8 Festas religiosas.

Tomou parte numa concentração nacional de que falaremos abaixo e fizeram-se as seguintes provas de classe—3.ª classe, 24; 2.ª classe, 2. Houve dois concursos entre patrulhas em Barcelos e 4 em Coimbra.

9.º Acampamento Nacional—Coimbra

De 16 a 26 de Agosto de 1952, o Grupo n.º 13, enviou a seguinte delegação ao 9.º Acampamento Nacional, efectuado em Coimbra: Chefe—Dr. Manuel Faria; Secretário—Ilídio Eurico Gomes; Assistente—P.º Agostinho Correia de Azevedo. *Escuteiros*: Rodrigo Cruz Amaral, Manuel A. Figueiredo, António Cruz Amaral, Cândido Maciel, José Joaquim Faria, Rui Baptista da Silva, Manuel de Carvalho, Manuel Armindo L. Pereira, Jorge Cruz Amaral e José Gomes de Faria.

Além das actividades próprias do Campo, realizaram visitas de estudo à Misericórdia, Sé Velha, Sé Nova, Biblioteca Geral, Jardim Botânico, Penedo da Saudade, Igreja de Santa Cruz, Ninho dos Pequenos, etc., etc. Nos jogos e concursos em que tomaram parte, marcaram lugar destacado, tendo conquistado o primeiro lugar na «Descoberta do Troféu» e no «Concurso de Arqueiros». Foi também realizada uma excursão à Figueira da Foz. Estiveram representados neste

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de Abril os nossos seguintes companheiros:

DIA 1—Ana Ferreira Pedras e António Álvaro G. Terroso.

DIA 2—João Dias de Figueiredo.

DIA 3—Licínio Valdemar C. Ferro Esteves, Ana Lopes de Sousa, Palmira da Silva Barros e Maria José B. Nascimento.

DIA 4—Perpétua Fernandes de Campos, Aparício Miranda Pereira e Maria Cândida S. Gonçalves.

DIA 5—Maria Celeste P. Lopes Anjo e Rodrigo Martins Garrido.

DIA 6—Rosa de Carvalho Fernandes.

DIA 7—José Pires Bigote e Rosa Lopes Vilas Boas.

DIA 8—Ermelinda Ferreira Cardoso.

DIA 9—Rogério Alberto Pereira Esteves e Maria da Conceição C. Lopes.

DIA 10—Maria Antónia dos Santos Pereira, Manuel Cândido Cunha Figueiredo, Júlia Augusta Paixão, Maria Fernandes Perestrelo e Arminda Ferreira de Carvalho.

DIA 11—António Maria Veríssimo e Maria José Miranda.

DIA 12—Maria da Conceição C. Costa e Domingos Augusto F. Dantas.

DIA 13—José Teixeira Vilas Boas, Margarida Alda Casanova, Filomena

da Glória C. Calheiros e António Oliveira da Silva.

DIA 14—Álvaro Terroso, Maria do Céu M. Vieira, Maria Augusta de S. Dias, Laura de Oliveira Dias e Iria da Glória T. dos Santos.

DIA 15—Maria do Carmo Gomes Areias.

DIA 16—Maria do Carmo R. dos Santos.

DIA 18—Eva Augusta Dias Pimenta.

DIA 19—Carolina Fernandes Coelho.

DIA 20—Carlos Gonçalves Pereira e Maria Luísa Teixeira de Miranda.

DIA 24—Carolina Alice C. Gomes Teotónio Marinho de Lima e Teotónio Lemos R. da Silva.

DIA 25—Maria Lucília Vieira Dias e Rosa Marques Salgado.

DIA 26—José da Silva Freitas, Mari Satalina S. A. da Costa e Aurora de Magalhães Leite.

DIA 27—Catarina de Jesus Freitas, Maria do Carmo Martins Gomes e Manuel Fache da Costa.

DIA 28—Manuel Martins Pires Lavado.

DIA 29—Maria Helena Gonçalves da Silva e Eduardo Ribeiro de Sousa.

DIA 30—Maria Manuela Duarte Vieira e Valdemar Rodrigo Lopes Machado.

Apresentamos os nossos sinceros parabéns.

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

acampamento, além da vasta representação portuguesa, os seguintes países: Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Austria, Gibraltar, França, Espanha, Austrália, Escócia e Suíça.

Visita a Barcelos da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima

Ainda no decurso do biénio de 1951/52 tomaram os escuteiros do Grupo n.º 13 do C. N. E. parte activa na recepção da imagem da Virgem Peregrina—Nossa Senhora de Fátima, assim como na Procissão de Velas, Missa Campal, no Campo da Feira e no Adeus à Virgem.

Clan n.º 13 do XIII Agrupamento Núcleo de Barcelos

Por iniciativa do chefe do Núcleo Dr. Manuel Faria e de Ilídio Eurico Gomes fundou-se o Clan n.º 13, parte integrante do XIII Agrupamento, anexo ao Núcleo de Barcelos, com a seguinte direcção:

Chefe—Ilídio Eurico Gomes; Secretário—Eduardo Correia Landolt e Assistente—P.º Agostinho Correia Azevedo. Teve a sua primeira sede na Rua Bajora de Freitas n.º 49. Em se-

guida junto à Conservatória do Registo Predial.

Depois na Base do Rio, em Casal de Nil, e actualmente na Rua Duques de Bragança 13. Actividades principais: 23 Acampamentos, 10 Bivagues, 12 Visitas de estudo, 17 Excursões Montanhistas, 10 Serviços Religiosos em Procissões e 8 em Peregrinações.

Presenças em Acampamentos Nacionais, 3; Regionais, 3; Festas, 12; Raids Náuticos, 6; Raids Ciclistas, 3; Raids Campistas, 6; Boas Acções Colectivas, 3. Enviou a Fátima, em 1951, nas cerimónias das Comemorações do Encerramento do Ano Santo, um caminheiro.

Além disto, esteve presente nas cerimónias do Centenário de D. António Barroso, nas solenidades religiosas comemorativas do Ano Mariano em Braga, tendo ainda enviado 2 caminheiros ao Acampamento Nacional de Ílhavo em 1955.

Tomou parte no Curso da D. C. T.—Defesa Civil do Território, realizado em Barcelos e fez-se representar nos cursos realizados em Braga em Março e Dezembro de 1956 para Dirigentes.

(Continua no próximo número)